

(Cultura popular/ tradicional e periférica)

“Mamãe, eu me vejo”: o design de moda infantil como dispositivo de construção identitária e valorização da infância negra

Rebeca Oliveira de Godoi ¹

Maria Alice Paulino da Silva ²

Pedro Henrique Aleixo da Silva ³

Maria Antônia Romão da Silva ⁴

Franciele Menegucci ⁵

Resumo

O presente trabalho investiga o potencial do design de moda infantil como instrumento de fortalecimento da identidade e da autoestima de crianças negras, considerando os impactos do racismo estrutural na constituição subjetiva durante a infância. Parte-se da problemática da baixa representatividade positiva no vestuário infantil e nos produtos culturais direcionados a esse público. Como resposta, desenvolve-se um projeto integrado que articula narrativa literária e coleção de moda, propondo a criação de um personagem com o qual crianças negras possam se identificar. A metodologia, de abordagem qualitativa, envolve ferramentas projetuais do design, como construção de personas, análise de similares, painéis semânticos e entrevistas com usuários. A fundamentação teórica dialoga com os conceitos de identidade cultural, hegemonia e invisibilização racial. Como resultado, apresenta-se uma coleção de moda infantil baseada em elementos simbólicos da narrativa, utilizando metáforas visuais que reforçam pertencimento, liberdade e valorização identitária. Conclui-se que o design de moda, quando articulado a narrativas representativas, pode atuar como agente de transformação social e simbólica.

¹Discente do curso de Design de Moda na Universidade Estadual de Londrina, rebeca.oliveira5@uel.br

²Discente do curso de Design de Moda na Universidade Estadual de Londrina, maria.alice.paulino@uel.br

³Discente do curso de Design de Moda na Universidade Estadual de Londrina, pedro.henriquealeixo@uel.br

⁴ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Londrina, antoni.mari@uel.br

⁵ Doutora em Design pela Universidade Estadual Paulista, franmenegucci@uel.br

Palavras-chaves: Moda infantil; identidade; representatividade; crianças negras; autoestima;

Abstract:

The present work investigates the potential of children's fashion design as an instrument for strengthening the identity and self-esteem of black children, considering the impacts of structural racism on the subjective constitution during childhood. It starts with the problem of low positive representation in children's clothing and cultural products aimed at this audience. In response, an integrated project was developed that combines literary narrative and fashion collection, proposing the creation of a character with which black children can identify. The methodology, with a qualitative approach, involves design tools, such as building personas, analyzing similarity, semantic panels and interviews with users. The theoretical foundation dialogues with the concepts of cultural identity, hegemony and racial invisibilization. As a result, a children's fashion collection is presented based on symbolic elements of the narrative, using visual metaphors that reinforce belonging, freedom and identity appreciation. It is concluded that fashion design, when linked to representative narratives, can act as an agent of social and symbolic transformation.

Keywords: Children's fashion; identity; representativeness; black children; self-esteem;

INTRODUÇÃO

A construção da identidade na infância é atravessada por referências visuais, culturais e simbólicas que influenciam diretamente a autoestima e o senso de pertencimento. Nesse sentido, a identidade não se configura como uma essência fixa, mas como um processo dinâmico, constituído por meio das representações e dos sistemas de significação presentes na cultura (HALL, 2013). A identidade não é fixa, então, as imagens, narrativas e o vestuário desempenham papel fundamental na forma como os sujeitos se percebem e se inserem socialmente. A construção da identidade na infância é atravessada por referências visuais, culturais e simbólicas que influenciam diretamente a autoestima e o senso de pertencimento (HALL, 2013).

No contexto brasileiro, marcado pelo racismo estrutural, crianças negras

frequentemente enfrentam a ausência de representações positivas nos meios de comunicação e no mercado de consumo, incluindo o vestuário de moda infantil. Essa ausência contribui para a fragilização da autoestima e para a limitação de possibilidades de identificação simbólica. Dessa forma, o design de moda pode atuar além da produção estética ou mercadológica, como um campo capaz de operar simbolicamente na construção de sentidos e identidades.

Diante desse cenário, coloca-se a seguinte questão de pesquisa: de que maneira o design de moda infantil pode contribuir para a construção positiva da identidade e da autoestima de crianças negras?

Este artigo apresenta uma prática projetual que articula design de moda e narrativa como estratégia de valorização identitária. Como objetivo geral, busca-se desenvolver um projeto de moda infantil que contribua para o fortalecimento da identidade e da autoestima de crianças negras. Como objetivos específicos, pretende-se: promover identificação por meio de referências visuais positivas; repensar o vestuário infantil destinado ao público negro; evitar processos de adultização precoce; e articular narrativa e vestuário como estratégia projetual.

Para tanto, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada em práticas projetuais do design de moda. São utilizadas ferramentas como construção de personas, painéis semânticos, análise de similares e entrevistas com o público-alvo, permitindo compreender dimensões estéticas, simbólicas e culturais envolvidas no processo. Essas estratégias orientam o desenvolvimento de uma proposta que articula design, narrativa e responsabilidade social.

DESENVOLVIMENTO

O presente trabalho dialoga com discussões acerca do racismo estrutural e seus impactos na construção da subjetividade, especialmente durante a infância, período em que se consolidam referências identitárias, percepções de pertencimento e formas de autoimagem. Nesse contexto, a identidade não se configura como um dado fixo, mas como um processo socialmente construído, atravessado por representações culturais, simbólicas e discursivas. Conforme Hall (2019) e Hall,

Evans E Nixon (2013) as identidades são formadas no interior da cultura, sendo continuamente produzidas e transformadas por meio dos sistemas de representação que organizam o mundo social.

A invisibilidade de corpos negros nos meios de comunicação e no mercado de consumo opera por meio de mecanismos sutis, porém contínuos, de exclusão, configurando o que pode ser compreendido como “barreiras invisíveis” do racismo. Essas barreiras atuam de forma naturalizada na sociedade, dificultando sua identificação e enfrentamento. Como apontam Silva et al. (2013), tais dinâmicas estão relacionadas a um contexto em que o preconceito racial se manifesta de maneira não explícita, sustentado pelo mito da inexistência do racismo no Brasil, o que contribui para sua perpetuação silenciosa.

Essa condição torna-se particularmente sensível na infância, uma vez que é nesse período que se estruturam os primeiros referenciais de identidade. Nesse sentido, Gomes (2017; 2019) destaca que a construção da identidade negra está profundamente relacionada às experiências sociais, culturais e educativas vivenciadas pelos sujeitos, sendo atravessada por processos de valorização ou negação da diferença. A autora enfatiza que a ausência de referências positivas contribui para a internalização de padrões estéticos excludentes, impactando diretamente a autoestima de crianças negras.

Conforme destacam Silva et al. (2013), “o que não se percebia na ingênua infância é que se estava lidando com a barreira invisível do racismo” (p. 8), demonstrando como essas estruturas impactam precocemente a formação subjetiva. Ao mesmo tempo, o fortalecimento do movimento negro contemporâneo evidencia a importância de práticas culturais e educativas que tensionem essas dinâmicas e promovam novas formas de representação.

No campo da cultura, essas barreiras se expressam na escassez de narrativas protagonizadas por sujeitos negros, especialmente no universo infantil. A esse respeito, Hooks (2014) discute que a representação não é neutra, mas constitui um campo de disputa simbólica, no qual determinados grupos são historicamente invisibilizados ou estereotipados. Para a autora, ampliar a presença de imagens positivas e diversas é fundamental para a construção de novas formas de ver e compreender a si mesmo e ao outro.

Anais do II Simpósio Internacional Práxis Itinerante: Juventudes e Direitos Humanos
13 a 15 de abril de 2026, UEL – Paraná

Nesse sentido, a literatura infantil representativa configura-se como ferramenta fundamental na produção de identificação simbólica, permitindo que crianças negras se reconheçam como protagonistas de suas próprias histórias e ampliem seus horizontes de pertencimento. Ao oferecer imagens e narrativas que valorizam a identidade negra, essas produções contribuem para a construção de uma autoimagem mais positiva.

Essa lógica estrutural também se manifesta em produções culturais contemporâneas, como na música, que frequentemente expressa experiências sociais marcadas pela desigualdade. A metáfora presente na obra de Djonga (2019), ao afirmar que “para alguns tem porta, para nós tem parede”, explicita o racismo como um sistema que organiza o acesso a oportunidades, evidenciando limites estruturais que condicionam trajetórias individuais e coletivas.

No campo da moda, essas dinâmicas se refletem tanto na ausência de representatividade quanto na associação histórica de corpos negros a estéticas marginalizadas ou invisibilizadas. Assim, o vestuário ultrapassa sua dimensão funcional, configurando-se como linguagem simbólica capaz de comunicar pertencimento, identidade e posicionamento social.

Em contraponto a esse cenário, o streetwear emerge como uma linguagem estética profundamente vinculada à cultura negra e ao movimento hip-hop, constituindo-se como forma de afirmação identitária e resistência cultural. Conforme apontam Sousa e Perez (2023), o consumo de moda associado ao hip-hop estabelece uma forte relação com o autoconceito e o sentimento de pertencimento, uma vez que esse estilo surge como expressão de grupos que utilizam o vestuário para refletir suas condições sociopolíticas e afirmar suas identidades.

Além disso, o público do streetwear caracteriza-se por sua conexão com causas sociais, inovação e forte vínculo com a música, reforçando a dimensão cultural e política dessa estética (Sousa; Perez, 2023). Dessa forma, o streetwear não se configura apenas como tendência de moda, mas como um campo simbólico de resistência e produção de sentido.

Diante desse contexto, compreende-se o design de moda como um campo com potencial para atuar na mediação entre sujeito e cultura. Ao incorporar referências visuais positivas, narrativas representativas e estratégias projetuais sensíveis às

questões identitárias, o design pode contribuir para a construção de identidades mais inclusivas e para o fortalecimento da autoestima de crianças negras. Nesse sentido, coloca-se a seguinte questão: de que maneira o design de moda infantil pode contribuir para a construção positiva da identidade e da autoestima de crianças negras?

Aplicação de ferramentas projetuais

No campo do design de moda, o desenvolvimento de produtos de vestuário fundamenta-se na aplicação de ferramentas projetuais que auxiliam o designer na compreensão e articulação de aspectos econômicos, simbólicos, culturais e comportamentais. Essas ferramentas possibilitam mapear necessidades, valores e repertórios dos usuários, orientando a proposição de artefatos que articulem desempenho funcional, significado simbólico e relevância social.

Nessa perspectiva, o processo projetual é compreendido de forma ampliada, não apenas como resolução formal de produtos, mas como construção de sentidos. O design envolve uma etapa reflexiva anterior à materialização, na qual são analisadas variáveis socioculturais, simbólicas e contextuais que orientam as decisões projetuais (MORAES, 2011; SANCHES, 2017).

Como etapa inicial, foi elaborado o painel de persona (Figura 1), ferramenta que sintetiza perfis representativos do público a partir de dados comportamentais e demográficos. A construção das personas permitiu compreender o contexto sociocultural do público consumidor, evidenciando a presença de famílias negras que valorizam identidade, cultura e educação como dimensões centrais na formação infantil.

Figura 1 - Painel de Persona

PAINEL DE PERSONA (MÃE)



-LUIZA
-35 ANOS
-PROFESSORA DE CIÊNCIAS
SOCIAIS
-ATIVISTA
-LEITORA ASSÍDUA E
APAIXONADA POR LIVROS
INFANTIS

PAINEL DE PERSONA (PAI)



-JORGE
-38 ANOS
-MECÂNICO
-SEUS MAIORES AMORES SÃO:
RAP E SUA FAMÍLIA
-VAIDOSO

Fonte: Autores, 2025

A figura materna, por exemplo, apresenta um perfil crítico e socialmente engajado, enquanto a figura paterna estabelece vínculos com a cultura urbana e musical. Esses elementos indicam um público que valoriza representatividade, consciência racial e construção identitária desde a infância, orientando o desenvolvimento de produtos alinhados a essas dimensões simbólicas.

A partir da delimitação das personas, foram elaborados painéis visuais referentes ao público consumidor e ao público-alvo (Figura 2), com o objetivo de aprofundar a compreensão das dimensões estéticas e simbólicas relacionadas ao vestuário. Os painéis contemplam diferentes perspectivas geracionais e evidenciam a relação entre identidade, autoestima e aparência.

Figura 2 - Painel de Persona



Painel público alvo



Fonte: Autores, 2025

A utilização de painéis como ferramenta projetual fundamenta-se no papel das ferramentas de síntese imagética na tradução de aspectos psicossocioculturais em linguagem visual (Sanches, 2017; Silva; Barbosa; Sanches, 2024), o que permite organizar, sintetizar e decodificar informações complexas, orientando a definição dos elementos configurativos e da sintaxe visual do produto.

Nesse sentido, os painéis não atuam apenas como instrumentos de organização de referências, mas como dispositivos cognitivos que contribuem para a construção do pensamento projetual. Conforme discutido por Silva, Barbosa e Sanches (2024), a sistematização de parâmetros conceituais por meio de ferramentas visuais favorece processos cognitivos e metacognitivos, auxiliando o designer na interpretação das variáveis envolvidas no projeto e na tomada de decisões mais conscientes.

A análise dos painéis revelou a presença de elementos associados à convivência familiar, ao cuidado com a aparência e à valorização da cultura negra, configurando um ambiente simbólico que influencia diretamente a construção da autoestima infantil. No caso do público-alvo, destacam-se referências visuais positivas de crianças negras, com diversidade de expressões, cabelos e vivências, evidenciando a necessidade de ampliar repertórios de identificação e protagonismo.

Essa leitura aproxima-se de uma abordagem sistêmica do design, na qual o produto é compreendido a partir das relações entre sujeito, contexto e cultura, e não como um elemento isolado (Moraes, 2011). Assim, o vestuário é entendido como

Anais do II Simpósio Internacional Práxis Itinerante: Juventudes e Direitos Humanos
13 a 15 de abril de 2026, UEL – Paraná

parte de um sistema de significações que influencia e é influenciado pelas dinâmicas sociais.

Diante dessas evidências, identificou-se a necessidade de incorporar, no desenvolvimento da coleção, estratégias projetuais que preservassem a infância, evitando processos de adultização precoce e propondo soluções estéticas adequadas à faixa etária. A partir das análises realizadas, foram definidos três pilares centrais para o direcionamento da coleção: (i) o fortalecimento da autoestima, por meio de referências positivas e representativas; (ii) a preservação da infância, considerando aspectos simbólicos, comportamentais e ergonômicos; e (iii) a valorização da cultura negra, incorporando elementos estéticos associados ao streetwear como linguagem de expressão identitária.

Por fim, destaca-se que o uso dessas ferramentas projetuais também contribui para o desenvolvimento de processos de monitoramento e reflexão ao longo do projeto, aproximando-se de práticas autorregulatórias no design, nas quais o sujeito acompanha, avalia e ajusta suas decisões de forma contínua. Nesse sentido, o processo projetual configura-se não apenas como produção de soluções, mas como um percurso reflexivo e consciente, no qual o designer articula análise, síntese e tomada de decisão.

RESULTADOS

Como resultado, foi desenvolvido um projeto integrado composto por um livro infantil e uma coleção de moda, articulados por uma narrativa simbólica sobre racismo estrutural. A história "O menino e o muro" utiliza a metáfora da pipa como representação dos sonhos, enquanto o muro simboliza as barreiras impostas por estruturas sociais excludentes. Essa construção narrativa possibilita abordar temas complexos de forma acessível ao público infantil.

Figura 3 - Trecho do livro produzido no projeto



Fonte: Autores, 2025

A coleção de moda traduz esses elementos simbólicos em referências estéticas diretas ao livro, as cores, mas também o vestuário dos personagens, como a durag do pai e a trança branca da mãe. Também apresenta soluções projetuais, incorporando formas, cores e grafismos que reforçam ideias de liberdade, pertencimento e superação. As modelagens priorizam conforto e mobilidade, respeitando as especificidades do corpo infantil e evitando processos de adultização, o projeto evidencia a articulação entre dimensão estética, simbólica e funcional no design de moda.

Figura 4 - Ilustrações da coleção desenvolvida

Anais do II Simpósio Internacional Práxis Itinerante: Juventudes e Direitos Humanos
13 a 15 de abril de 2026, UEL – Paraná



Fontes: Autores (2025)

Após os produtos passarem pelo processo de desenvolvimento, eles foram fotografados em situação de uso. O editorial foi feito dentro de uma livraria e também em um campo de futebol, locais que faziam sentido de acordo com a proposta da coleção (Figura 5).

Figura 5 - Editorial fotográfico da coleção desenvolvida



Fonte: Autores

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a moda, quando articulada a narrativas e referências culturais

Anais do II Simpósio Internacional Práxis Itinerante: Juventudes e Direitos Humanos
13 a 15 de abril de 2026, UEL – Paraná

significativas, pode atuar como ferramenta potente na construção da identidade infantil. O projeto evidencia o papel do design como agente social, capaz de promover inclusão, representatividade e transformação simbólica. Entende-se que o objetivo foi atendido não só pelo produto final estar completo, mas que a relação entre a criança e a roupa promoveu autoestima e conforto como planejado, o sorriso estampado em suas camisetas refletiram a felicidade em seus rostos.

Referências

TÔBEM. **Intérprete: djonga**. Compositor: Gustavo Marques . *In*: O MENINO que queria ser deus. Intérprete: djonga. [S. l.]: A quadrilha, 2019. (3:18).

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

SILVA, Francisca Lenilda da. **A COR DA ALMA: a barreira invisível do racismo**. 2013. 12 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2013.

SOUSA, Giovanna Giantomaso. **STREETWEAR CONFLUÊNCIA ENTRE MODA, HIP-HOP E CONSUMO**. 2023. 83 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

HALL, Stuart; EVANS, Jessica; NIXON, Sean. **Representation: cultural representations and signifying practices**. 2 Ed. SAGE Publications, 2013.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Autêntica Editora, 2019.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Editora Vozes Limitada, 2017.

HOOKS, Bell. **Black looks: Race and representation**. Routledge, 2014

DE MORAES, Dijon. **Metaprojeto como modelo projetual**. Método. Barbacena, MG: EdUEMG, p. 35-51, 2011.

SANCHES, María Celeste de F. **Moda e projeto: estratégias metodológicas em design**. Estação das Letras e Cores, 2017.

SILVA, Maria Antônia Romão da; BARBOSA, Thassiana de Almeida Miotto; SANCHES, Maria Celeste de F. Modelagem e sintaxe visual: uma conexão imprescindível para a formação do pensamento projetual. **Revista de Ensino em Artes, Moda e Design**, v. 4, n. 2, p. 50-70, 2024.

Anais do II Simpósio Internacional Práxis Itinerante: Juventudes e Direitos Humanos
13 a 15 de abril de 2026, UEL – Paraná